



PREFEITURA DE ARRAIAL DO CABO  
Superintendência de Cultura  
Diretoria de Cultura Popular

## RELATÓRIO SOBRE A CASA DA PIEDRA

### Histórico

A *Casa da Piedra* está localizada nas intermediações da conhecida “Praia dos Anjos” (Rua Santa Cruz, nº: 4), primeiro núcleo de povoamento do Arraial do Cabo. Atualmente, o imóvel pertence à família de Roberto Pisani Marinho (1904-2003).

A história da *Casa da Piedra* entrelaça-se com a história do nascimento do próprio país. O imóvel está localizado numa área em que, possivelmente, foi instalada a primeira feitoria do Brasil pelo navegador florentino Américo Vespúcio (1454-1512). De acordo com alguns autores<sup>1</sup>, após ter se perdido da frota comandada por Fernando de Noronha, o navio de Vespúcio, juntamente com o de outro capitão, aportou na Praia da Rama, atual Praia dos Anjos, em 1503. Ali foi construída uma feitoria, no período de cinco meses, guarnecida por 24 homens, com o objetivo de explorar o pau-brasil, principal matéria-prima comercializada na época. Inicialmente, a feitoria foi administrada pelo feitor João Braga e, logo após, por João Lopes de Carvalho. O entreposto, no entanto, foi destruído pelos índios tamoyos, da nação dos Tupinambá, primeiros habitantes da região.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> PEREIRA, Wilnes Martins. *Américo Vespúcio: o navegante que descobriu Arraial do Cabo*. Rio de Janeiro: Gráfica Hoffmann, s.d.; SAVI, David Canabarro. 500 anos de ocupação portuguesa. Evolução histórica da enseada dos Anjos, Arraial do Cabo, Rio de Janeiro, Brasil. *II Congresso sobre Planejamento e Gestão das Zonas Costeiras dos Países de Expressão Portuguesa*. Recife: ABEQUA, 2003; HUMBOLDT, Alexandre Von., apud HANSSEN, Guttorm. *Cabo Frio: dos Tamoios à Alcalis*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1988; PRADO, Simone Moutinho. *Da anchova ao salário mínimo: Uma etnografia sobre injunções de mudança social em Arraial do Cabo*. Niterói: EdUFF, 2002. No entanto, não há consenso sobre o local da feitoria de Américo Vespúcio. Alguns autores defendem que a feitoria foi construída em Cabo Frio, na boca da Barra da Lagoa de Araruama. CUNHA, Márcio Werneck da. *A América de Américo: o desencontro de dois mundos em Cabo Frio de 1503-1512*. Rio de Janeiro: Editora Ágama, 2004. Mesmo entre os autores que defendem que o local da feitoria deu-se em Arraial do Cabo, há aqueles que supõem que ela foi erguida na Ilha do Farol. MASSA, Hilton. *Cabo Frio: Histórico Político*. Rio de Janeiro: Inelivro, 1980; BETHELL, Leslie. *História da América Latina*. Vol. 1, p. 249-250: “A feitoria fora construída numa ilha em alto mar (por segurança contra ataques indígenas) e era rigorosamente proibido o contato entre a tripulação e os nativos; os únicos intermediários eram os funcionários da feitoria”. Atualmente, alguns historiadores acreditam que a feitoria foi construída na Ilha do Governador, na Baía de Guanabara. Fernando Lourenço Fernandes. *A Feitoria Portuguesa do Rio de Janeiro*. História. São Paulo, 27, 2008. É importante ressaltar que o Cabo aparece nos mapas desde muito cedo, como um ponto de referência para a navegação no Atlântico Sul. O conhecimento dos acidentes geográficos da costa brasileira era essencial, pois servia de balizamento para as rotas marítimas. Segundo Duarte Leite, Cabo Frio já é apontado nos os mapas elaborados entre 1500 e 1510. HUTTER, Lucy Maffei. Cabo Frio: ponto de referência para a navegação no Atlântico Sul desde o século XVI. *Revista da Universidade de Coimbra*. Vol. XXXIV, 1988, p. 349-370, p. 355.

<sup>2</sup> MASSA, H. op. cit., p. 27.

As feitorias erigidas no litoral brasileiro, no início do século XVI, eram guarnições que visavam à comercialização de pau-brasil com os nativos, bem como a defesa das terras. Nos primeiros anos de reconhecimento do litoral brasileiro, Portugal optou por arrendar o Brasil a um consórcio. Dessa forma, a expedição da qual participava Américo Vespúcio fazia parte de uma aliança de comerciantes de Lisboa. O arrendamento previa a concessão de um monopólio comercial durante três anos, sendo um sexto dos lucros pago à Coroa Portuguesa no segundo ano e um quarto dos lucros no terceiro ano. Em troca, o grupo deveria enviar seis navios por ano, a fim de explorar as trezentas léguas de costa, bem como construir uma feitoria no local.<sup>3</sup>

O pau-brasil, conhecido cientificamente por *Caesalpinia echinata*, era abundante desde Cabo Frio ao Rio de Janeiro, além do litoral da Paraíba e de Pernambuco<sup>4</sup>. De acordo com Alberto Ribeiro Lamego: “A mudança de nome do País para Brasil – antes Ilha de Vera Cruz e Terra de Santa Cruz – deve-se à fama dos primeiros carregamentos, saídos de Arraial, da cobiçada madeira”<sup>5</sup>. A importância do pau-brasil estava na tintura da madeira para as manufaturas têxteis da Europa. Sabe-se que em 1511, a expedição da nau *Bretoá* esteve novamente na região para carregar a madeira tintorial. A nau chegou a Lisboa, portando 5.000 toras de pau-brasil, 22 tuins, 17 saguis, 16 gatos, 15 papagaios, 3 macacos e 40 escravos, na maioria mulheres.<sup>6</sup> Na ocasião, foi construída outra feitoria no local.

#### Por que *Casa da Piedra*?

O senso comum local baseia-se na ideia de que o nome *Casa da Piedra* refere-se às ruínas da fortaleza erguida por Vespúcio, de alvenaria de pedra. No entanto, as pesquisas arqueológicas demonstram que as feitorias desse período possuíam instalações muito precárias e, à maneira das construções indígenas, eram cercadas de muralhas de pau-a-pique.<sup>7</sup> Para o pesquisador cabista Reinaldo Fialho, 84 anos, o nome foi dado por Castro Maya, um dos proprietários do imóvel, no século XX.

Porém, o nome *Casa da Piedra* não é estranho aos autores do século XVI. Por volta de 1539-1560, o cosmógrafo de Sevilha, Alonso de Santa Cruz (1505-1567), empregou o termo “casa” para se referir ao entreposto construído por Américo Vespúcio: “(...) junto a esta baía foi onde Américo Vespúcio, piloto maior de Castela, na última viagem que fez, fundou

---

<sup>3</sup> BETHELL, Leslie. op. cit., Vol. 1, p. 249-250.

<sup>4</sup> ABREU, Capistrano. *Capítulo de História Colonial*. Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000062.pdf>, Acesso em 23 de set. de 2014.

<sup>5</sup> LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O homem e a restinga*. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1946.

<sup>6</sup> BERANGER, Abel. *Dados históricos de Cabo Frio*. Cabo Frio, Quatrem 1, s.d., p. 18.

<sup>7</sup> MELO, Affonso Arinos de. (?) Apud: BELTRÃO, Maria. *Peabirus*. In: Carta Mensal. Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo, nº: 684, março de 2012, p. 45-66, p. 53.

uma *casa* onde deixou vinte e quatro cristãos com suas armas e tiros de Artilharia”.<sup>8</sup> Anos mais tarde, em 1579, o nome, na íntegra, aparece no mapa do cartógrafo francês Jacques de Vau de Claye (*Le vrai pourtrait de Geneure et der cap de Frie par Jqz de vau de Claye*) correspondendo a uma feitoria. Alguns estudiosos locais sustentam que a *Casa de Pedra* (*Maison de la Pierre*), registrada por Vau de Claye, foi erguida por corsários franceses, no atual canal do Itajurú, em Cabo Frio, numa pequena e extinta ilha rochosa. Sua destruição deu-se com Constantino Menelau, governador do Rio de Janeiro, quando de sua passagem pela região, com a finalidade de expulsar os franceses. Em seu lugar, o governador construiu outra feitoria, a qual deu o nome de Santo Inácio.<sup>9</sup> No entanto, são apenas suposições. Segundo Leslie Bethell, os franceses comerciavam diretamente dos seus navios com os índios, não estabelecendo, portanto, qualquer tentativa de feitorias no padrão português<sup>10</sup>. De qualquer forma, o mapa do francês demonstra que o nome *Casa de Pedra* é antigo e que se ligava a feitorias.

É bastante provável que o próprio Castro Maya ao saber da história que permeava sobre a área ocupada pelo imóvel tenha resgatado o nome e batizado a residência. Quanto às razões para o espanholamento do vocábulo pedra (*pedra*), nada sabemos.

\*\*\*\*\*

Infelizmente, até o momento, não foi possível verificar o período exato da construção da residência. Presume-se que o edifício tenha sido construído em 1718, como é indicado na fachada da casa. Mas essa data precisa ser revista. Ainda que a dificuldade do acesso ao bem particular inviabilize uma avaliação mais precisa sobre o seu estilo arquitetônico<sup>11</sup>, a sua estrutura é mais recente. As construções de tijolo na cidade, como é o caso da *Casa da Piedra*, começaram a surgir na década de 30. Até então, o tipo de construção típica era de pau-a-pique e, em alguns casos, de pedra, como lembra *seu* Nenete, cabista, 77 anos. O

<sup>8</sup> “(...) junto a esta baya fue donde Amerigo Vespucho, piloto mayor de Castilha, en el ultimo viaje que hizo, fundo una *casa* donde dexo veynte e quatro christianos con sus armas y tiros de Artilleria (...)”. ALONSO DE SANTA CRUZ. *Islário General de todas las islas del mundo*. Madri: Impreuta del Patronato de Huértanos de Intendencia e Intervención Militares. Caracas, n: 7, 1918, p. 546. **grifo nosso**.

<sup>9</sup> MASSA, H. op. cit., p. 36.

<sup>10</sup> BETHELL, L. *História da América Latina*. Vol. I, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2004, p. 251.

<sup>11</sup> Os poucos elementos, neste sentido, permitiram identificar as seguintes características: “(...) a impressão que se tem é de um imóvel com cobertura de telha canal em quatro águas, com cumeeira dotada de camarinha que parece elevar-se de uma das águas. Possui igualmente chaminé de aspecto menos antigo. Percebe-se ainda, um detalhe de acabamento do beiral em beira-sob-beira e o arremate superior do cunhal sugerindo um capitel toscano.” INEPAC. Fichas de Inventário. Sal. Projeto Inventário de Bens Culturais Imóveis. Desenvolvimento Territorial dos Caminhos Singulares do Estado do Rio de Janeiro. Vol. I., Fevereiro, 2004.

antropólogo L. F. Raposo Fontenelle, que esteve no Cabo entre os anos de 1953 e 1955, relatou que as construções de pau-a-pique estavam sendo substituídas pelas casas de tijolo e telha, em virtude da maior resistência e das vantagens do novo material, bem como da tendência para a despersonalização das relações entre os moradores: “(...) uma casa de pau-a-pique podia durar cerca de 7 anos; a casa de tijolo como é feita no Cabo chega, facilmente, a 30 anos (...)”.<sup>12</sup>

Por outro lado, a presença da *Casa* não é atestada nos relatos de viajantes do século XIX. Quando de sua estada na Praia dos Anjos – na época, chamada de Praia do Anjo – entre os anos de 1816 e 1822, o botânico francês Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853) não fez nenhuma menção ao lugar, o que é significativo, já que o viajante preocupou-se em registrar os pormenores do vilarejo diante de seus olhos:

(...) na Praia do Anjo, onde parei, encontra-se um pequeno povoado. Este compõe-se de uma pequena capela, bem conservada, dedicada a N. Sra. dos Remédios e de uma vintena de choupanas construídas desordenadamente na praia e entremeadas de arbustos. Essas choupanas, cobertas de colmo, construídas de pau-a-pique e barro, e acham-se em muito mal estado. Algumas mesmo, sem dúvida pela ação do vento, tornaram uma posição de tal modo oblíqua que se acreditaria que iriam tombar. Os esteios colocados nos quatro ângulos dessas casas não são lavrados e terminam por pequenas forquilhas, sobre as quais descansam os madeiramentos da coberta”.<sup>13</sup>

Como podemos observar, a maior parte dos moradores da vila da Praia dos Anjos, nesse período, vivia em choupanas de pau-a-pique, ou seja, em construções rústicas, de estrutura muito simples. Certamente, a capela Nossa Senhora dos Remédios apresentava uma estrutura melhor, como sinaliza o francês pelo “bem conservada”.

Ao que parece, a *Casa* teve vários proprietários, e foi reformada e ampliada no decorrer do tempo. Seu Reinaldo Fialho diz que antes de pertencer a Raymundo Ottoni de Castro Maya (1894-1968), importante industrial e banqueiro franco-brasileiro, conhecido também pelas suas habilidades esportistas e por seu grande incentivo às artes e ao

---

<sup>12</sup> FONTENELLE, L. F. Raposo. *A dinâmica dos grupos domésticos no Arraial do Cabo*. Estudos n: 2, Rio de Janeiro: Serviço Social Rural, 1960, p. 13.

<sup>13</sup>“(...) à la Praia do Anjo où je fis halte, se trouve un hameau. Il se compose d’une petite chapelle bien entretenue dédiée à Notre Dame du Secours (Nossa Senhora dos Remédios), et d’une vingtaine de cabanes bâties sans ordre sur le rivage et entremêlées d’arbrisseaux. Ces cabanes sont petites, basses, mal éclairées, couvertes en chaume, construites en terre et en bois et en général dans le plus mauvais état. Quelques-unes même, sans doute par l’effet des vents, ont pris une position tellement oblique que l’on croirait qu’elles vont tomber. Les poteaux placés aux quatre angles de ces maisons ne sont presque jamais équarris, et se terminent par de petites fourches entre les branches desquelles reposent les filières.» SAINT-HILAIRE, A. de. *Viagens pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil*. Paris: Libraire-Gide, 1833, p. 55.

coleccionismo<sup>14</sup>, o imóvel foi propriedade de Lopes, um dos primeiros turistas da cidade. Em seguida, a casa pertenceu a Antonio Alves e, posteriormente, a Castro Maya. Este último adquiriu o imóvel, na década de 30<sup>15</sup>, juntamente com o arquiteto César Mello Cunha, de quem era amigo. Conta-se, inclusive, que o mecenas foi o primeiro a identificar as ruínas próximas à *Casa da Piedra* à antiga feitoria do navegador Américo Vespúcio<sup>16</sup>, provavelmente, entusiasmado pelas histórias dos habitantes locais. De forma frequente, Castro Maya dedicava-se à pescaria nos mares do cabo, promovendo, inclusive, concursos de pesca, e reunia amigos ilustres (artistas, políticos, intelectuais etc.) na casa de praia<sup>17</sup>. Mais tarde, a residência ficou sob a responsabilidade das sobrinhas do industrial e, por fim, de Roberto Marinho, grande empresário brasileiro e também amigo de Castro Maya.

### **A identidade cabista e a Casa da Piedra**

Não há dúvidas quanto à importância histórica e cultural da *Casa da Piedra*. A construção compõe o conjunto do centro histórico da cidade. Ela situa-se nas proximidades da Igreja Nossa Senhora dos Remédios, do marco histórico e dos casarios que, pela territorialidade e pela arquitetura, denunciam os vestígios da primeira implantação da vila de Arraial do Cabo. Mas, para além da importância histórica, a casa ocupa um lugar simbólico na identidade local.

A identidade de um grupo é construída e reproduzida por meio do apego constante de seu passado mitológico, histórico e, principalmente, simbólico-religioso<sup>18</sup>. O apelo aos antecedentes históricos é uma das formas pelas quais as identidades são estabelecidas. Mas esse resgate do passado não ressurgiu idêntico. Ele é reatualizado de acordo com as exigências do presente. Ainda que haja controvérsias sobre o local no qual teria aportado a nau de Américo Vespúcio, como vimos, é perceptível que este evento fundador ocupa um lugar

---

<sup>14</sup> BATISTA, Denise Maria da Silva. *Museus Castro Maya: de coleção privada a museu público*. 2012. 133 f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012, p. 39-78.

<sup>15</sup> Informação extraída dos documentos localizados no museu Chácara do Céu. De acordo com a museóloga Denise Maria da S. Batista, numa pasta com os dados sobre a Casa da Piedra consta que a escritura do imóvel foi lavrada em 29/10/1936 e ratificada em 20/05/1937, no Cartório do 2º Ofício de Cabo Frio (livro n. 145, folhas 22 a 23). Infelizmente, não encontramos nenhum registro da residência no Cartório indicado.

<sup>16</sup> MARTINS, C.; ALCÂNTARA, D. *Museus Castro Maya: Museu do Açude; Chácara do Céu*. Agir, 1994, p. 13.

<sup>17</sup> JORNAL DO BRASIL. 31 JULHO DE 1968.

<sup>18</sup> RODRIGUES, Donizete. Patrimônio Cultural, memória social e identidade: uma abordagem antropológica. Revista Online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Anterior 03. Disponível em: <http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/CS3-rodriques-donizete-patrimonio-cultural-memoria-social-identidade-uma%20abordagem-antropologica.pdf>, Acesso em 02 de out. de 2014.

importante na construção da identidade *cabista*.<sup>19</sup> Nas palavras da antropóloga Simone Moutinho Prado, “este nascimento histórico do Arraial é motivo não só de pesquisas, como também de orgulho e identificação com a terra, assumindo grande valor no local”.<sup>20</sup>

Para muitos *cabistas*, a cidade nasceu “onde hoje é a *Casa da Piedra*”.<sup>21</sup> A associação desse passado, por meio do monumento, mantém em seus habitantes mais antigos a memória sempre presente. Tal memória possibilita um sentimento de continuidade e de coerência de um indivíduo ou de um grupo em sua reconstrução de si. A *Casa* funciona, portanto, como um “lugar de memória”<sup>22</sup>, pois o espaço material possibilita a formação de uma memória coletiva.

## Bibliografia

### Fontes

ALONSO DE SANTA CRUZ. *Islário General de todas las islas del mundo*. Madri: Impreuta del Patronato de Huértanos de Intendencia e Intervención Militares. Caracas, n: 7, 1918.

JORNAL DO BRASIL. 31 JULHO DE 1968.

SAINT-HILAIRE, A. de. *Viagens pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil*. SP: Companhia Editora Nacional, 1941.

### Bibliografia

ABREU, Capistrano. *Capítulo de História Colonial*. Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000062.pdf>, Acesso em 23 de set. de 2014.

BATISTA, Denise Maria da Silva. *Museus Castro Maya: de coleção privada a museu público*. 2012. 133 f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

BELTRÃO, Maria. *Peabirus*. In: Carta Mensal. Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo, n°: 684, março de 2012.

<sup>19</sup> *Cabista* é o nome atribuído a quem nasce no Arraial do Cabo. Entretanto, o termo também pode significar uma relação com a pesca. De acordo com Brito, “ser cabista não significa apenas ser ‘natural’ de Arraial do Cabo, mas implica em pertencer a um sistema social determinado no tempo e no espaço, no qual se inscrevem valores, símbolos e histórias de vida comuns”. FONSECA-KRUEL, V. S. da ; PEIXOTO, A. L. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*. Vol. 18, n.1, São Paulo, Jan-Mar, 2004, p. 177-190, p. 181.

<sup>20</sup> PRADO, Simone Moutinho. Op. cit., p. 29.

<sup>21</sup> Descrição do *cabista* Paulo Franco. Ibid., p. 61.

<sup>22</sup> Conceito desenvolvido por Pierre Nora: “São lugares com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. (...) É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número uma maioria que deles não participou”. NORA, P. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Projeto História: *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo, 1981, p. 7-28, p.21-22.

- BERANGER, Abel. *Dados históricos de Cabo Frio*. Cabo Frio, Quatrem 1, s.d.
- BETHELL, L. *História da América Latina*. Vol. I, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2004.
- CUNHA, Márcio W. da. *A América de Américo: o desencontro de dois mundos em Cabo Frio de 1503-1512*. Rio de Janeiro: Editora Ágama, 2004.
- FONSECA-KRUEL, V. S. da; PEIXOTO, A. L. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*. Vol. 18, n.1, São Paulo, Jan-Mar, 2004, p. 177-190.
- FONTENELLE, L. F. Raposo. *A dinâmica dos grupos domésticos no Arraial do Cabo*. Estudos n: 2, Rio de Janeiro: Serviço Social Rural, 1960.
- HANSEN, Guttorm. *Cabo Frio: dos Tamoios à Alcalis*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1988.
- HUTTER, Lucy Maffei. Cabo Frio: ponto de referência para a navegação no Atlântico Sul desde o século XVI. *Revista da Universidade de Coimbra*. Vol. XXXIV, 1988, p. 349-370.
- LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O homem e a restinga*. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1946.
- MARQUES, Alfredo Pinheiro. A Cartografia do Brasil no século XVI. *Revista da Universidade de Coimbra*. Vol. XXXIV, 1988, p. 447-462.
- MARTINS, C.; ALCÂNTARA, D. *Museus Castro Maya: Museu do Açude; Chácara do Céu*. Agir, 1994.
- NORA, P. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Projeto História: *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo, 1981, p. 7-28
- PEREIRA, Wilnes Martins. *Américo Vespúcio: o navegante que descobriu Arraial do Cabo*. Rio de Janeiro: Gráfica Hoffmann, s.d.
- PRADO, Simone Moutinho. *Da anchova ao salário mínimo: Uma etnografia sobre injunções de mudança social em Arraial do Cabo*. Niterói: EdUFF, 2002.
- RODRIGUES, Donizete. Patrimônio Cultural, memória social e identidade: uma abordagem antropológica. *Revista Online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Anterior* 03. Disponível em: <http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/CS3-rodrigues-donizete-patrimonio-cultural-memoria-social-identidade-uma%20abordagem-antropologica.pdf>, Acesso em 02 de out. de 2014.
- SAVI, David Canabarro. 500 anos de ocupação portuguesa. Evolução histórica da enseada dos Anjos, Arraial do Cabo, Rio de Janeiro, Brasil. *II Congresso sobre Planejamento e Gestão das Zonas Costeiras dos Países de Expressão Portuguesa*. Recife: ABEQUA, 2003. Disponível em: [http://www.abequa.org.br/trabalhos/dinamica\\_costeira\\_310.pdf](http://www.abequa.org.br/trabalhos/dinamica_costeira_310.pdf). Acesso em: 03 de Nov. de 2014.

## Anexos



Casa da Piedra – Década de 60

Casa da Piedra 25/09/14

Foto: Patricia Antunes



Casa da Piedra 25/09/14

Foto: Patrícia Antunes



Casa da Piedra 25/09/14

Foto: Patrícia Antunes



Casa da Piedra 25/09/14

Foto: Patrícia Antunes



Casa da Piedra 25/09/14

Foto: Patrícia Antunes



Casa da Piedra 25/09/14

Foto: Patrícia Antunes





Castro Maya com um pescado em Arraial do Cabo  
Fonte: Museus Castro Maya: Museu do Açude;  
Chácara do Céu. Década de 30.

Agradecemos a *seu* Francisco Faria Porto (Nenete), a *seu* Reinado Martins Fialho, a *seu* José Henrique e a Denise Maria da Silva Batista, funcionária dos Museus Castro Maya, pelas inestimáveis informações.

Arraial do Cabo, 22 de outubro de 2014.  
Patrícia Antunes Serieiro Silva  
Diretora de Cultura Popular e Historiadora da Superintendência de Cultura

